

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

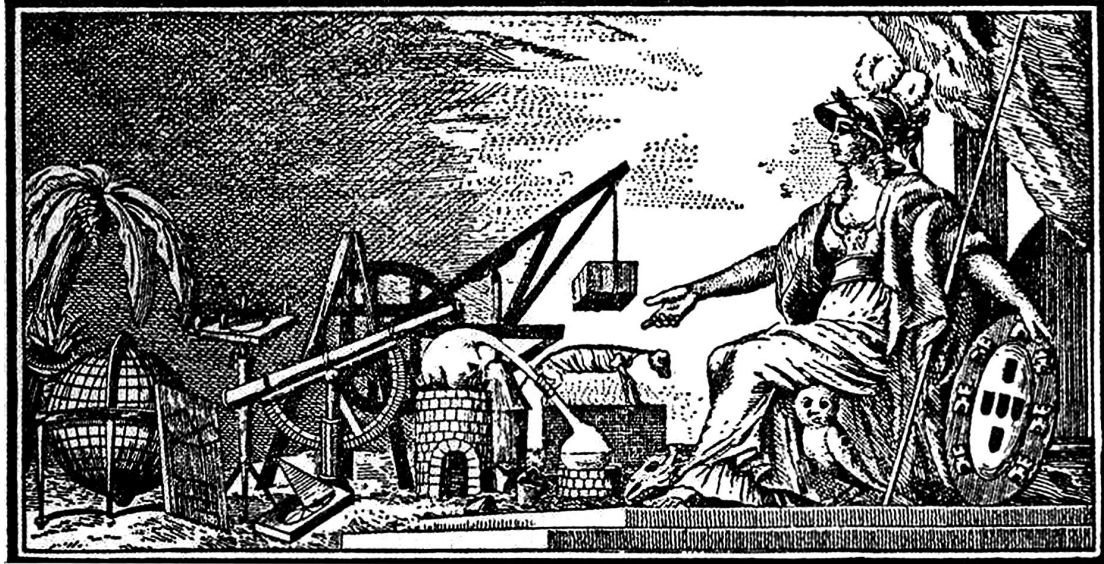
CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2023



D. Rodrigo da Cunha, Bispo do Porto e Arcebispo de Braga, desconhecido mecenas de Lope de Vega?

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO

1. A preparação da edição de *Arte de galanteria*¹, essa obra única de comportamento social, especialmente palaciano, na cultura europeia, com que D. Francisco de Portugal quis completar as lacunas que o conde Baldassare Castiglione ou pelo contexto histórico da corte de Urbino antes de 1528 ou, como diz o próprio D. Francisco, porque “não tinha nenhuma notícia dos nossos modos [de galantear uma dama de palácio] nem particularizou isto”, se permitira, a tal respeito, deixar em *Il libro del cortigiano*, a preparação dessa edição — dizia — levou-me a reler e a calibrar a importância da correspondência de D. Francisco de Portugal, comendador de Fronteira, com D. Rodrigo da Cunha, sucessivamente bispo de Portalegre, do Porto e arcebispo

¹ D. Francisco de Portugal, *Arte de galanteria* (Edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho), Porto. Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2012.

de Braga, não nos interessando aqui os anos em que, a partir de 1635, foi arcebispo de Lisboa. A releitura dessa correspondência, cuja cópia apógrafa, guardada na Biblioteca da Ajuda, foi diplomaticamente editada por Carlos Alberto Ferreira em 1946², induziu-me, por sua vez, a organizar uma nova edição anotada dessas 114 cartas que um trineto de Vasco da Gama, D. Francisco de Portugal — Portugal, como diz o próprio D. Francisco, era apelido “emprestado”, já que deveria apelar-se Gama, que era a varonia de sua casa — escreveu a um bispo que, herdeiro do antiquíssimo morgadio de Tábua³, transmitiu esse título a seu sobrinho D. António Álvares da Cunha, o homem de Armas e Letras fundador, dinamizador e subvencionador da mais conhecida das academias portuguesas do século xvii, a “Academia dos Generosos”, e membro da Royal Society.

Dado o estilo de cartas que se escreveram — ainda que hoje se conheçam apenas as de D. Francisco, muitas delas são cartas de resposta a outras do seu correspondente que, por seu turno, em certos casos, permitem vislumbrar a carta ou cartas em que D. Rodrigo comentava notícias enviadas ou poemas oferecidos —, convirá assinalar que os dois correspondentes eram primos muito próximos. Com efeito, o que nunca foi posto em evidência, a mãe do bispo e a avó do comendador eram irmãs, o que significa a diferença de uma geração entre os dois correspondentes, o que, aliás, se podia notar atentando à data do nascimento de um e de outro: ambos naturais de Lisboa, onde D. Rodrigo nasce em 1577 e morre em 1642, e D. Francisco c. 1580 e 1632, respectivamente. Como curiosidade, mas que, atentando tem um certo significado social e, para nós aqui, contextual, anotemos ainda que os dois eram, respectivamente, primo e sobrinho do célebre D. André de Almada, que, nunca tendo sido clérigo, foi, contrariando as leis universitárias, professor de Teologia na Universidade de Coimbra.⁴

² D. Francisco de Portugal, autor da *Arte de galanteria. Poesias. Cartas inéditas e outras fontes manuscritas para o estudo da sua vida e obra*, Coimbra, 1947 (Sep. de Biblos, vol. XXII, 1946).

³ *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, XIII, 2, § 2 (Nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Coimbra, Atlântida — Livraria Editora, 1953), XII, 482, 489.

⁴ D. André de Almada († 1642), filho de D. Antão de Almada Soares, senhor do morgado dos Soares, “foi insigne Theólogo e lente de Prima em Coimbra a que se lhe igualou a sua cadeira de Véspera em que duas vezes se jubilou; foi Vice reitor da Universidade muitas vezes, e ultimamente governador della [1638–1640]; viveo recolhido como Porcionista no Collégio de S. Paulo sem nunca pretender outros despachos de que era merecedor, foi grande cortezão, e tratou sempre de levar boa vida fora de cuidados para o que lhe servio de retiro a sua quinta da Geiria no campo de Coimbra” (C. Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, III, 2, ed. cit., 14). Em *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista* (Leitura do texto, Introdução, notas e índices

Anotemos, finalmente, que o bispo Cunha e o comendador de Fronteira eram não apenas parentes chegados de um dos principais aclamadores do duque de Bragança, o famoso D. Antão de Almada, mas que este casou com uma filha de D. Francisco de Portugal. O tecido genealógico que, resumidamente, acabamos de desfiar, permite situar os dois correspondentes nesse grupo de Cunhas e Almadadas que, talvez porque não era da alta nobreza titular, tanta voz pôde ter nos meandros preparatórios, eclosão e consolidação de 1640.

Não seguiremos assinalando genealogias e momentos biográficos dos dois correspondentes, mas convirá, contudo, registrar ainda que D. Francisco de Portugal foi não só autor de *Arte de galanteria* — obra integralmente escrita na prisão —, mas também de *Tempestades e batalhas dum cuidado ausente* — essa “ideia galante e namorada”, no dizer de D. Francisco Manuel de Melo, que foi a sua única obra impressa em sua vida (1626) e de cuja edição não se conhece um único exemplar, tendo que nos contentar com lê-la na 2.^a edição feita em 1682 (Lisboa, António Craesbeeck de Melo) — e ainda poeta, cuja poesia, parcialmente reunida por Francisco Luís Vasconcelos em 1670, já tem sido atribuída a D. Francisco de Quevedo e ao conde de Salinas, o que pode sugerir, na sua circunstancial idade, a sua alta qualidade poética, como se pode comodamente verificar na acuradíssima edição de *Divinos e humanos versos* que recentemente ofereceu Maria Lucília G. Pires⁵. Por seu lado, D. Rodrigo da Cunha, zeloso bispo modelado pelos ideais do Concílio de Trento, além dos seus trabalhos sobre a história eclesiástica do Porto, Braga e Lisboa, deixou, como doutor em Cânones, uma *Explicação dos jubileos do anno de 1619 e de 1621* (Porto, 1622), e de uns *Super primam partem Decreti Gratiani Commentarii* (Braga 1629) — obra a que teremos de voltar a aludir —,

de Christopher L. Lund, Coimbra, Livraria Almedina, 1980, pp. 157-158), esclarece-se, com um toque de maledicência, que foi Doutor em Teologia por privilégio real, pois, como era exigido, nunca quis ser clérigo e D. Barbosa Machado precisa ainda que era perpétuo decano da Universidade (Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1747 [aliás, Coimbra, Atlântida, 1966], 134-136). As *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista*, ed. cit., pp. 157-160, recordam-no também na sua simpatia e na sua ponta de sua vaidade; Vasconcellos, A. G. Ribeiro de, *Francisco Suarez. Doctor Eximius. Collecção de documentos. Maio. 1597-1897*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897, LXXXI-LXXXIII, CXXIX, *et passim* apresenta alguma documentação em torno da carreira académica de D. André, à sua fama como professor e à alta opinião em que era tido por Francisco Suárez. Aponte-se ainda que a mãe de D. Francisco era irmã de D. André de Almada.

⁵D. Francisco de Portugal, *Divinos e humanos versos* (Introdução e notas de Maria Lucília G. Pires), Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2012.

actividades — pastoral e literária — que não o impediram de ser um crítico atento da poesia de D. Francisco de Portugal e um mecenas do poeta Fernão Correia de Lacerda e de manter assídua correspondência com alguns seus contemporâneos de que as cartas do comendador de Fronteira e do P. Francisco Suárez⁶, o *Doutor eximio*, são dois exemplos.

Não nos interessando aqui demorar-nos com algumas considerações sobre os rumos actuais da investigação em torno da epistolografia que podem perceber-se no trabalho do “Seminario Interdisciplinar de Estudios sobre la Cultura Escrita” da Universidade de Alcalá de Henares dirigido por António Castillo Gómez, por exemplo, convém, porém, dizer-se que esse conjunto de 114 cartas escritas por D. Francisco de Portugal a D. Rodrigo da Cunha entre 1618 e 1630 é unicamente composto por cartas familiares. Cartas familiares não tanto porque são escritas entre parentes, mas sobretudo, atendendo a um teórico seu contemporâneo, Rodrigues Lobo, em *Corte na Aldeia* (1619), porque não só “respeitam tanto a brevidade que não podem os retóricos dividi-las em partes”, mas também porque essa mesma brevidade é traduzida no seu “estilo”, já que, sem abuso, D. Francisco recorre, como assinala Rodrigues Lobo, a sentenças e adágios e, por vezes, contrariando a propriedade, serve-se de “palavras humildes, populares ou inovadas”. Datadas de Lisboa, de Almada e de Madrid — estas de 1621 a 1623 e de 1626 a 1627 — nelas se ocupa D. Francisco dos seus “negócios” na corte de Filipe IV e nos corredores do paço lisboeta ocupado pelos governadores, atentos estes, em todo caso, ao que se decidia no Conselho de Portugal em Madrid. E se o principal “negócio” que obrigou D. Francisco a deslocar-se à corte madrilena foi a renovação, em atenção aos serviços nas armadas da Carreira da Índia, da sua comenda de Fronteira e, depois de 1625, a reclamação das mercês devidas à sua participação na chamada “Jornada dos vassalos” de socorro à Baía em 1624–1625, muitas outras cartas escreveu-as preso na Misericórdia de Lisboa e no castelo de Almada em consequência da sua recusa de cumprir, nas condições propostas pelos Governadores — condições que ele reputava de desonrosas e contrárias à sua situação financeira — duma cláusula da mercê de renovação da sua comenda por mais uma vida na pessoa de seu filho herdeiro, D. Lucas de Portugal, futuro “Mestre

⁶ Vasconcellos, A. G. Ribeiro de, *Francisco Suarez. Doctor Eximius. Collecção de documentos. Maio*, pp. 1597–1897, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897, LXXXI–LXXXIII, CXXIX.

Sala” de João IV, Afonso VI e Pedro II, promotor das edições de algumas das obras de seu pai. Se muitas das cartas são um documento das agruras de um requerente na corte, a maior parte pode aproximar-se do género epistolar de “avisos”, tão vulgar no tempo, já que não só informam o seu destinatário sobre acontecimentos da política europeia conduzida pelo conde-duque de Olivares — guerras na Flandres, situação difícil no Milanesado, “Guerra dos trinta anos” —, sobre casamentos e cerimónias palacianos, os ecos das festas do projectado e frustrado casamento do Príncipe de Gales com a Infanta Maria de Áustria, mas também um meio e modo de “conferenciar” — no sentido em que Montaigne usava o termo —, isto é, um modo de conhecer por meio do diálogo, a opinião do seu altamente considerado parente, D. Rodrigo, sobre questões da *de re oeconomica* familiar — casamento de filhas..., aceitação ou rejeição de nomeações de serviço real, etc... Nos anos finais (1627–1629), todas as suas preocupações são marcadas pela sua vida de preso no castelo de Almada, o que faz dele outro representante dum grupo de escritores seus contemporâneos — D. Francisco de Quevedo, D. Francisco Manuel de Melo, Pe. António Vieira — que na prisão escreveram alguma parte — no caso de Manuel de Melo, uma larga parte — da sua obra literária.

Ora, para além desses “negócios” pessoais, D. Francisco teve, alguma vez, de desempenhar-se de encargos que lhe fazia o bispo do Porto. Entre eles houve o de entregar, em mão, a Lope de Vega, uma carta que, por seu intermédio, lhe escrevia o prelado. Antes, porém, de cumprir tal encargo, D. Francisco, logo nos primeiros tempos da sua primeira estância em Madrid — entre meados de Maio e fins de Julho de 1622—, transmitindo ao bispo do Porto as suas primeiras impressões sobre a cidade, refere não só que já fora bem acolhido por um grande poeta e grande senhor castelhano, o conde de Villamediana, um admirador recente de algumas damas portuguesas parentes do comendador de Fronteira, mas também que lhe “mostraram” — a palavra é sua — Lope de Vega e Luis de Góngora. Estes, curiosamente não lhe pareceram mais que dois “clérigos engorgerados”... Pouco depois, assistiu à célebre justa poética em honra dos quatro santos espanhóis canonizados por Gregório XV nesse ano — Santo Isidro, Lavrador, S. Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier e Santa Teresa — de que era “lector” — e não secretário, como costuma dizer-se — o mesmo Lope de Vega. E, nos começos de Agosto, após assinalar o assassinato do conde de Villamediana, informa D. Rodrigo da Cunha que tinha ido duas vezes a casa de Lope

entregar-lhe a sua carta e, não o encontrando, a deixara “a hũa velha, que responde ao cão do nosso Camões” e que para a resposta determina de o “desencartar”. Não logrei qualquer outra informação sobre estes dois, e diferentíssimos, vigilantes dos dois poetas — o cão de Camões e a velha de Lope —, mas até meados de Setembro de 1622 não conseguira D. Francisco encontrar Lope em casa, agora, ao parecer, para o cumprimentar pessoalmente: “Segundo Lope da Veiga responde mal não é bom pera escopet... protestado tenho de o achar em casa pela criação de seus livros...”. De qualquer modo, o que importa assinalar é que a sequência de tais notícias denota o cuidado de D. Francisco em informar sobre um poeta apreciado pelo bispo do Porto, apreço que pode ainda ser-nos sugerido pela categoria social do mensageiro que D. Rodrigo lhe enviava — poeta, da grande nobreza lusitana e seu chegado parente.

Não encontramos nem nas cartas de D. Francisco a D. Rodrigo da Cunha nem nas edições da correspondência de Lope [A. González Amezua..., A. Carreño] — para esta data, há duas a D. Vicente Nogueira —, qualquer outro testemunho sobre a sequência desta correspondência que, ao parecer, originava D. Rodrigo da Cunha. Podemos, porém, suspeitar das suas consequências, pois em Março do ano seguinte (1623), D. Francisco pondera a D. Rodrigo: “Lope da Veiga faz bem em se acolher a tal sagrado como o de Vossa Senhoria; a primeira vez que o topar farei os meus ofícios”. Em que se traduziria esta protecção, que é como há que entender a expressão “acolher-se a tal sagrado”, do bispo português ao grande dramaturgo madrileno? Concretamente, não sabemos, mas sabemos que Lope de Vega na *Decima octava parte de las comedias*⁷, cuja “Tassa” é de 6-12-1622⁸ — o que indica que o livro, cuja data de edição é 1623, terá aparecido e sido posto à venda nos começos desse ano — publicava *El Divino Africano*, “tragi-comédia famosa” dedicada precisamente a D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto. Compreendemos, portanto, que em Março, D. Francisco se dispusesse

⁷ de Vega, Lope, *Decima octava parte de las comedias de... dirigidas a diversas personas*, Madrid, Juan González. 1623, 51v-52r; Thomas A. Case, *Las dedicatorias de las partes XIII-XX de Lope de Vega*, Estudios de Hispanófila, University of North Carolina, 1975, 196-197, reproduz, com a correcção devida a errata da dedicatória em que aparecia “Rodrigo de Mascareñas” por “Rodrigo de Acuña”.

⁸ Dois dias depois — simples coincidência? —, isto é, em 8-12-1622, D. Francisco, referindo-se às suas diligências para encontrar o poeta, informa a D. Rodrigo sobre o amigo: “Lope da Veiga, amigo de V. S.^a, tenho dado coca de tavanês”.

a “fazer os seus ofícios” junto de Lope, isto é, a cumprimentá-lo em nome de D. Rodrigo —, pois já teria, se não o sabia já por carta do próprio bispo, conhecido a dedicatória da obra.

Trata-se de uma das chamadas “comédia de santos” em que, neste caso, se dramatiza a conversão de Santo Agostinho, seguindo Lope, como já se demonstrou, muitas vezes à letra, as *Confissões* do mesmo santo⁹. Como as que acompanham as peças desta e das outras diferentes *Partes* das edições das comédias preparadas pelo próprio dramaturgo, a dedicatória de *El Divino Africano* reveste a forma de carta. Por lapso, Lope dirige-se “al ilustrissimo y reverendo señor D. Rodrigo Mascareñas, obispp de Oporto”, “entitulação” que o editor corrigiu no índice do volume, mas que, infelizmente, persiste em alguma edição moderna. Essa carta-dedicatória é um rasgado elogio de D. Rodrigo da Cunha em que Lope, depois de ter insinuado um certo paralelismo de virtudes e engenho entre o bispo de Hipona e o bispo do Porto, “la parte que de la historia que me toca por los versos, quise honrar del claro nombre de V. S. Ilustríssima, ya por las causas que dexo referidas, ya por el resplendor de su antigua nobleza y sangre tan conocida, no solo en Portugal, y en Castilla, pero ocupando *Quidquid Oceanus vagis complexus undis, ultimo fluctu tegit*, por tantos Capitanes y Letrados insig-nes”, citação de Séneca (*Tragedias, II*) que pode traduzir-se assim: “Quantos o Oceano, rodeando-os com suas águas errantes, tem coberto com as mais afastadas ondas”. Contudo, o que interessa destacar é que, logo depois deste apontar ao tópico das “Armas e Letras” que ornavam familiarmente o bispo do Porto, pondera Lope: “Esta [dedicatória] pues sea muestra pequeña de mi agradecimiento grande”. Que agradeceria o poeta ao bispo do Porto? Uma carta, mesmo que elogiosa? É difícil de aceitar tal interpretação, sabendo quanto Lope, apesar do seu êxito ímpar como autor teatral, sempre esteve, por razões várias — lances biográficos, mortes, doenças de familiares — dependente da boa vontade de amigos e de mecenas, como o duque de Sessa e o conde de Lemos. De qualquer modo, a dedicatória conclui com a promessa de “mayores cosas” e o “ofrecimiento de los debidos loores” de D. Rodrigo, *Si tan sublime preçõ cabe em*

⁹ Tosca, H. L., San Agustín en la literatura religiosa de Lope. *Criticón*. 107, 137-150 (2009);

Alegre, J. U., De la conversión del santo a la de todo el Imperio: *El divino Africano de Lope de Vega*. eHumanista. 24, 214-239 (2013).

verso (*Lus.* I, 40), “como dixo nuestro lusitano Camões, porque en mi ánimo y agradecida voluntad *Semper honor, nomenque tuum, laudesque manebunt* (Virgili, *Ecol.* V, 78; *Aen.*, I.609).

Se não conseguimos concretizar as razões de tão reiterado e ampuloso “agradecimiento grande”, podemos adiantar que o poeta castelhano virá a cumprir a sua promessa.

Antes, porém, lembremos que D. Rodrigo da Cunha não é o único português que recebe tal atenção elogiosa de Lope por meio da dedicatória de uma comédia sua, pois há mais dois¹⁰ portugueses que com ele a partilham — o irrequieto Cristóvão Ferreira de Sampayo¹¹, que virá a ser o autor de *Vida y hechos del príncipe perfecto don Juan, rey de Portugal, segundo del nombre* (Madrid, 1626), então apenas vizinho e amigo íntimo de Lope, que lhe dedica, em 1620, *Los españoles en Flandes*, e, mais tarde, Manuel Faria e Sousa, outro íntimo amigo do poeta que em 1625 lhe dedicará *El marido más firme*. E, se o bispo do Porto não é o único português a ser aplaudido por Lope, é, contudo, o único prelado português a ser contemplado com tal honra, honra que comparte com o grande pregador D. Plácido de Tosantos, bispo de Guadix, o único prelado espanhol a quem o dramaturgo dedicou, em 1621, *La madre de la mejor*.

De 1623 a 1629 não conhecemos notícias directas que relacionem Lope de Vega com D. Rodrigo da Cunha. D. Francisco de Portugal nas cartas de Madrid de 1626–1627 — nas que nos chegaram, evidentemente — em que se preocupa, sobretudo, das mercês a que tem direito pela sua participação na “Jornada” de recuperação da Baía, não alude sequer ao poeta castelhano e suspeitamos que tal silêncio poderá significar que nem mesmo chegou a cumprimentá-lo em nome de D. Rodrigo..., apesar de se revelar leitor de alguma obra sua.

De qualquer modo, o que importa neste momento é fazer notar que desde 27 de Fevereiro de 1629, Lope podia confirmar a alta estima em que D. Rodrigo o tinha ao saber que em *Super primam partem Decreti Gratiani commentarii*¹², ingente obra de canonística, o agora arcebispo de Braga lhe tecia o seguinte elogio:

¹⁰ Três, se quiséssemos contar como português, à maneira de Barbosa Machado, Manuel Soeiro.

¹¹ Machado, D. B., *Bibliotheca Lusitana*, I, ed. cit., pp. 574-575; Thomas A. Case, *Las dedicatorias de las partes XIII-XX de Lope de Vega*, ed. cit., pp. 52-53.

¹² *Bracaræ Augustae, Ioannis Roderei*, 1629. A licença da Inquisição é de 21-10-1626 e a de publicação data de 24-10-1626; a taxa é de 27-2-1629.

*Quod [o que deve fazer o príncipe para defender a Religião] firmissimum erga fidem patrociniū per politico carmine espressit nostra aetatis Homerus, Hispaniae Cignus, Lupus a Vega Carpius, tum variis in locis, tum praecipue in quadam tragædia inscribitur Infelicitates Regis Alphonsi Casti ubi regum, atque imperatorum gládios pró sanctissimæ Fidei defensione acuendos, et stringendos esse ostendit.*¹³

Posta a circular nesses fins de Fevereiro de 1629, tendo em conta que a elaboração desses *Decreti Gratiani Commentarii* é anterior aos finais de Outubro de 1626 — data das aprovações e licenças —, este público elogio de Lope pelo arcebispo de Braga aproxima-nos desses anos em que lhe escrevia e o mandava cumprimentar por intermédio de D. Francisco de Portugal. Ter-se-á notado seguramente que, como Homero, também *quandoque bonus archiepiscopus bracarensis dormitat...*, já que exemplifica o seu elogio a Lope com uma obra teatral que lhe não pertence..., pois, como é bem sabido, a *Desgracias del Rey Alfonso el Casto* é obra de Mira de Amescua...

Ora, numa sequência cronológica cuja concatenação precisa não sabemos explicar, em *Laurel de Apolo*, poema acabado de escrever pela Primavera de 1628¹⁴, e editado em 1630 (Madrid, Juan González), cujas licenças de publicação, assinadas por José de Valdivielso e por Juan de Jáuregui são, respectivamente, de 14 de Outubro e de 22 de Novembro de 1629, Lope de Vega, permitindo que o seu grande amigo e defensor Francisco de López de Aguilar Coutinho, omitindo o “despiste” do exemplo, estampasse, como um dos inúmeros para-textos que acompanham a edição desta célebre poema, as elogiosas palavras de D. Rodrigo que acabamos de citar. E, no próprio poema, retribuí-as, por assim dizer, dando ao arcebispo de Braga o primeiro lugar entre os literatos lusitanos do seu tempo coroados por Apolo:

*Dejando a Marte,
mira la Fama de Minerva el arte,
con tu nombre, ilustrísimo Rodrigo,
primero archipastor de Lusitania.
Real Acuña, cuyos rayos sigo,*

¹³ *Super Primam Partem Decreti Gratiani*, cp. XCVII, sic. XV, n.º 2, fol. 863.

¹⁴ Caetano Alberto de la Barrera, *Nueva biografía de Lope de Vega*, Madrid, Atlas, 1973, I, 282 (A 1.ª ed. desta obra é de 1890).

*Dulce Mecenas de mi rude Urania,
Sin Amadores, sin Osorios, fuera,
tu ingenio sol y Portugal su esfera.*¹⁵ (III, vv. 50-57).

Leiamos o elogio sem nos preocuparmos demasiadamente com a realeza dos Cunhas..., com a possível teia metafórica a que preside a musa Urânia..., ou com os “rayos” iluminantes do arcebispo que, à falta de “Amadores” e “Osorios”¹⁶, fariam dele o “sol” de Portugal e fixemo-nos em que Lope apresenta D. Rodrigo da Cunha como o “dulce Mecenas” da sua “rude” poesia. Mesmo que “dulce” por oposição a “rude” não permita caracterizar qualitativa ou quantitativamente o mecenatismo de D. Rodrigo para com Lope, podemos sempre guardar como dado positivo a sua existência, o que, cremos, ainda não foi destacado nem pelos biógrafos do arcebispo¹⁷, nem pelos comentadores mais recentes desse largo poema de Lope que é o *Laurel de Apolo*. E aqui não parece que valha a pena considerar a hipótese de estarmos perante um convite ironicamente formulado e não uma realidade calculável em boas palavras e, talvez, em alguns ducados, se bem que Lope fosse, como adverte Antonio Carreño, “amigo de aristocratas sin concesiones o mecenazgo por parte de éstos”¹⁸...

E a certeza de que há que rejeitar esta última hipótese, fosse qual fosse o modo por que o arcebispo de Braga se revelava um “Dulce mecenas”, pode ser confirmada pela dedicatória que nesse ano de 1629 recebe D. Rodrigo da Cunha da *Isagoge a los reales estudios de la Compañía de Jesús*¹⁹, poema com que Lope celebra a inauguração, em Fevereiro desse ano, dos “Reales estudios” da Companhia

¹⁵ Vega, Lope de, *Laurel de Apolo* (Edizione, note, catalogo, indici di Christian Giaffreda. Introduzione di Maria Grazia Profeti), Firenze, Alinea Editrice, 2002), III, vv. 50-57.

¹⁶ Christian Giaffreda nas “Note al testo” de estes versos de *laurel de Apolo* (ed. cit., 344) pensa, cremos que sem razão, que por “Amadores” e “Osorios” há que entender “altre aristocratiche casate” cuja falta a família de D. Rodrigo poderia suprir.

¹⁷ D. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1752, 641-616; Luís António Oliveira Ramos, “Notas e comentários sobre D. Rodrigo da Cunha (1577-1643)” Braga, 1979 [Separata de *Bracara Augusta*, XXXIII (1979)].

¹⁸ Carreño, A., “Introducción” a Lope de Vega, *Obras completas, Poesía*, V, Madrid, Biblioteca Castro (2004), XI.

¹⁹ Vega, de Lope, *Isagoge a los Reales estudios de la Compañía de Jesús. Dedicada al Ilustrissimo y Reverendissimo Señor Don Rodrigo de Acuña, Arzobispo y señor de Braga* (sin lugar ni año.) [Madrid. 1629]. V. Caetano A. de la Barrera, *Nueva biografía de Lope de Vega*, ed. cit., I, 282.

em Madrid, cuja criação tanta oposição levantara por parte das universidades espanholas, especialmente as de Salamanca e Alcalá de Henares²⁰. Entre os seus primeiros professores conta-se o Pe. Francisco de Macedo que, por essa data, ainda não passara à Ordem Franciscana em que virá a ser o célebre e irrequieto e um tanto intriguista Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo.

Nessa dedicatória, anunciada na portada da obra, mas integrada no poema, Lope, depois de convidar ao silêncio a Natureza circundante do Manzanares, exclama:

*Tú, Rodrigo ilustrísimo, tú solo
de mis musas Apolo,
primero archimandrita lusitano,
oye mis versos con semblante humano,
pues tantas veces a mi lira atento
humillaste tu claro entendimiento,
honrando de mi pluma la bajeza
la dignidad real de tu grandeza,
que a ti se debe por tan altas partes
este compendio de admirables artes.
Tú, honor de los Acuña, tú la gloria
de aquel blasón que, a la inmortal memoria
de letras y armas dio tantos laureles,
inspírame el espíritu que sueles;
tú siempre mi Mecenas
a rústicas avenas,
ahora al grave asunto,
en cuyo inmenso círculo de ciencia
será mi ingenio indivisible punto
si tú, que la mayor circunferencia
llenas de humanas letras y divinas,
admites impresiones peregrinas.²¹*

²⁰ Comeche, J. A. Martínez, La fundación de los Reales Estudios en la Isagoge de Lope: ¿testimonio o recreación literaria?. Criticón, 51, 65-74 (1951).

²¹ Citamos por *La vega del Parnaso* (Madrid, Imprenta del Reyno, 1637), ed. fac-símile preparada por

Independentemente da diferença de extensão, teremos notado a essencial semelhança dos dois textos laudatórios do mesmo ano — a breve, mas encomiástica, ficha literária e a não menos elogiosa dedicatória —, finalizando ambos pela mesma metáfora: a esfera/circunferência literária e social que, brilhando, iluminava o arcebispo Cunha, o qual, em ambos os textos, é pelo poeta declarado seu mecenas. Mas Mecenas, como? Porque “*a ti se debe por tan altas partes/este compendio de admirables artes*” que era, precisamente, a *Isagoge*? Porque “*admites impresiones peregrinas*”? Teria, então, efectivamente, D. Rodrigo, como defende Martínez Comeche²², encomendado o poema a Lope? Ou, simplesmente — e já não seria pouco — “admitido”, quer dizer, patrocinado a impressão “peregrina” — estrangeira — do poema que depois, como se esperava, lhe dedicou Lope? Ou o arcebispo de Braga encomendou o poema e sufragou a sua edição? Em qualquer caso, terá merecido que Lope o declarasse seu mecenas. Claro que esta leitura ao pé da letra da dedicatória de *Isagoge* pode enfermar de dificuldades cronológicas por falta de documentação arquivística, sendo que nem os historiadores da Companhia de Jesus na Península Ibérica — Francisco Rodrigues e Antonio Astrain²³ — nos revelam qualquer indício que nos relacione D. Rodrigo com a Companhia nestes anos.

Não será, contudo, esta a última vez que Lope se lembrará de D. Rodrigo da Cunha em relação à sua obra literária. Em *La Vega del Parnaso* (Madrid, Imprenta del Reyno, (1637), volume miscelâneo cuja a aprovação estava a ser escrita por José de Valdivielso no dia da morte do poeta (26-8-1635), Lope reuniu várias comédias, epitáfios como o que dedica à morte de Gabriel Pereira de Castro, canções, rimas sacras, élogos, cabendo aqui destacar dentre estas, a longa autobiográfica *Égloga a Claudio* [Ponte], e reimprime a *Isagoge a los Reales Estudios...* O que interessa, porém, agora, é chamar a atenção de que, em *Égloga a Claudio*, Lope recorda:

Melquiades Prieto y Esperanza Gómez, con Prólogo de Felipe B. Pedraza Jiménez, (Madrid, Editorial Aralovis, 1993), fol. 220r-220v.

²² Comeche, J. A. Martínez, La fundación de los Reales Estudios en la *Isagoge* de Lope: ¿testimonio o recreación literaria?. *Criticón*, 51, 67- 70 (1951).

²³ Rodrigues, F., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, III, Porto, Apostolado da Oração, 1944; Astrain, A., *Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España*, V, Madrid, Razón y Fe, 1912.

*Y quando la sagrada Compañia
Fundava sus estudios, las lecciones
de tan altivos varones
canté con osadía,
y al gran Pastor las consagré de Acuña,
que el cayado mayor de Luso empuña.*²⁴

Mesmo se obrigatória, dado o carácter bio-bibliográfico do poema em que surge, esta última referência a D. Rodrigo da Cunha permite recordá-lo como uma das personalidades portuguesas que mais elogiada foi pelo “Fenix de los Ingenios” e até a única que ele celebra como seu mecenas. Infelizmente, como já prevenimos, se não temos qualquer documento não literário que nos permita concretizar esta relação, temos, para além da carta que, em 1622, D. Rodrigo lhe escreveu e que D. Francisco de Portugal lhe fez chegar, a certeza de uma outra carta do arcebispo Cunha ao poeta. Cita-a José Ortiz de Villena como fecho das palavras com que apresenta “a los aficionados de Fray Lope Felix de Vega Carpio” *La Vega del Parnaso*²⁵, livro aparecido em 1637, isto é, cerca de dois anos depois da morte do poeta (26–8–1635). Qualquer que seja a ordem cronológica dos acontecimentos — morte de Lope..., edição de *La Vega del Parnaso*..., carta de D. Rodrigo... — ao citar a missiva como de “el Señor D. Rodrigo de Acuña meritíssimo arçobispo de Lisboa” — fora eleito à volta de Março de 1635²⁶ —, Ortiz de Villena permite pensar, como hipótese, que se trata de uma carta escrita nos últimos anos de vida do poeta madrileno. Nela, documento importante para José Ortiz dado o relevante lugar que lhe concedeu, D. Rodrigo assumiria a defesa da poesia de Lope, já que aos seus versos presidiria, a juízo do arcebispo, uma “claridad concetuosa”, acertada síntese mediadora de célebres polémicas que o “Fenix de los Ingenios” terá certamente apreciado e que, à sua maneira, pode confirmar D. Rodrigo como leitor da poesia de Lope — *tantas veces a mi lira atento/humillaste tu claro entendimiento*. Para além das circunstâncias em que foi formulado, tal juízo confirma-nos D. Rodrigo como

²⁴ Citamos por Lope de Vega, *La vega del Parnaso*, ed. cit., 97v.

²⁵ Vega, de Lope, *La vega del Parnaso*, ed. cit. (preliminares, s. p.).

²⁶ Paiva, J.P., *Os bispos de Portugal e do Império. 1495–1777*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 422.

um leitor e atento crítico da poesia sua contemporânea que, como haveremos de procurar mostrar, nos revelam muitas das cartas de D. Francisco de Portugal.

Resta ainda que para nós são um mistério os caminhos ou os elos que teceram os laços de admiração mútua entre o poeta castelhano e o arcebispo português, laços que, qualquer que tenha sido a sua fórmula, redundaram em apoio mecénico por parte do poderoso arcebispo e senhor de Braga. Como das relações literárias de D. Rodrigo pouco mais conhecemos do que as que manteve com D. Francisco de Portugal e com Fernão Correia de Lacerda²⁷, não podemos arriscar o que possam ter pesado um Dr. Miguel da Silveira, um Francisco de França e Costa, um António López de Vega, poetas portugueses da roda de Lope em Madrid, mas atrevemo-nos a propor que talvez seria de pensar no Pe. Francisco de Macedo, então, como já sabemos, ainda membro da Companhia de Jesus, poeta em latim e em espanhol e professor nos “Reales Estudios”, elogiado na *Isagoge* e em *Laurel de Apolo*²⁸, e, sobretudo, nesse assombro de erudição que já era D. Vicente Nogueira, a quem Lope, como já recordamos, escreveu algumas vezes, que promoveu e patrocinou a edição lisboeta de alguns autores espanhóis — Francisco de Figueroa..., Garcilaso de la Vega..., D. Diego Hurtado de Mendoza²⁹... — e a quem o mesmo Lope tributou um dos mais belos e, ao parecer, sinceros elogios em *Laurel de Apolo* que me atrevo a citar:

*Entre los cuales [literatos lusitanos], si favor me diera
la décima divina moradora
de aquella fuente, que al nacer de la aurora
en sus ondas de plata reverbera,
don Vicente Noguera
tuviera asiento entre latinos graves,*

²⁷ D. Francisco nas suas cartas refere que Bernardo Roiz, um hoje desconhecido poeta, tinha em grande conta o juízo de D. Rodrigo pelos seus versos, mas nada mais sabemos dessa relação.

²⁸ O Pe. Francisco de Macedo passa por ser, segundo as suas próprias palavras no prólogo ao seu poema *Trifavus Macedi*, amigo chegado de Lope — “*familiariter usus fui Madriti*” (cit. por Pe. Ilídio de Sousa Ribeiro, *Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Um filósofo escotista português e um paladino da Restauração*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1950, 164).

²⁹ Albuquerque, M., “*Biblos*” e “*Polis*”. *Bibliografia e ciência política em D. Vicente Nogueira (Lisboa, 1586 – Roma, 1554)*, Lisboa, Vega Universitária, 2005, pp. 23-24, precioso estudo em que, em “Apêndice documental” se reproduzem, em fac-símile, as dedicatórias destas e de outras obras dedicadas a D. Vicente Nogueira.

*laurel entre toscanos,
palma entre castellanos,
por la dulzura del hablar suave,
y entre franceses y alemanes fuera
florida primavera;
que como ella de tantas diferencias
de alegres flores se compone y viste,
así de varias lenguas y de ciencias,
en que la docta erudición consiste,
¿qué libro se escribió que no lo viese?
¿Qué ingenio floreció que no le honrase?
¿En qué lengua se habló que no supiese?
¿Qué ciencia se inventó que no alcanzase?
Oh Musas castellanas y latinas,
francesas, alemanas y toscanas,
coronad las riberas lusitanas
de lirios, arrayanes y boninas,
no quede en vuestras fuentes cristalinas
laurel que en ellas su hermosura mire,
donde Dafne amorosa no suspire
por no bajar a coronar la frente
deste de todos vencedor, Vicente.³⁰*

Este grande literato e poliglota, membro ilustre da “República das Letras” europeia do século XVII tal como a vem definindo M. Fumaroli, cuja correspondência é um monumento de saber bibliográfico e uma mina de informações sobre o comércio europeu do livro antigo³¹, nunca se esqueceu do grande poeta castelhano e em alguma das suas cartas ao marquês de Niza não deixa passar

³⁰ Vega, Lope de, *Laurel de Apolo*, ed. cit., III, vv. 166-193; D. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1752 (aliás, Coimbra, Atlântida Editora, 1966) 785, publica integralmente estes elogiosos versos.

³¹ Curto, D. R., “Notas para uma história do livro em Portugal” in *Cultura escrita. Séculos XV a XVIII*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 332-334, apresenta, em excelente síntese, estes diversos aspectos da vida e obra de D. Vicente Nogueira.

ocasião em que possa elogiá-lo como poeta e ser humano: “Folgo muito que V. S. tenha tudo de Lope. Era o maior poeta que teve nem terá Espanha, mas ainda melhor homem que poeta. E tirado alguma fragilidade da carne — a que são sujeitos os tais grandes engenhos — no mais não tinha tanta malícia, como um minino de cinco anos, e a sua pena bendita não havendo nunca escrito ùa sátira e chovendo contra ele muitas cada dia”.³² Infelizmente, o grande bibliófilo, se valorizou a biblioteca de D. Rodrigo da Cunha à volta de 1630 e anotou a origem e o preço de algum dos seus fundos³³, nada nos diz sobre as relações literárias do prelado com o grande poeta que ele próprio tanto admirava e, como veremos, tão admirado foi por Lope.

E depois de tantas questões que fomos pondo sem as poder resolver, poderá ainda perguntar-se se o mecenatismo do arcebispo Cunha para com Lope de Vega não teria sido um modo de corresponder à sua admiração pelo dramaturgo. Sabemos que, em 1621, o famoso actor e empresário Sánchez, el Bueno, para quem Lope escreveu, em 1615, *El mayor imposible*, representava com aplauso em Lisboa, como noticiava ao bispo do Porto, em tom que revela conhecimento e apreço por parte do prelado, o seu primo D. Francisco de Portugal. A própria atribuição, por D. Rodrigo, a Lope de uma obra de Mira de Amescua pode sugerir um despiste originado na leitura desses volumes de *Flor de comedias* em que as de Lope emparelhavam com as do Dr. Mira de Amescua e de outros *ingenios*... E, segundo o mesmo comendador de Fronteira, o célebre teólogo D. André de Almada, parente chegado e amigo de ambos, era um conhecido apreciador de comédias espanholas. Poderão estas dispersas notas servir para ajudar a perceber por que a primeira obra que Lope dedicou a D. Rodrigo da Cunha fosse uma das suas “comédias de santos”, *El divino Africano*? De qualquer modo, fazem parte do seu contexto imediato.

De qualquer maneira, tais relações estão bem documentadas e, no seu quadro, D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto e arcebispo de Braga, foi, estamos em crer, a personagem portuguesa a quem, consagrando-o como seu mecenas, Lope

³² João Carlos Gonçalves Serafim publicou a correspondência de D. Vicente Nogueira sob o título de *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira e o marquês de Niza (1615–1654)*, Porto, CITCEM—Edições Afrontamento, 2011, 164; 185 (Citaremos esta obra por *Cartas*...).

³³ D. Vicente Nogueira, *Cartas*..., Carta ao Marquês de Niza (Roma, 5.3.1650), ed. cit., 337.

dedicou mais obras suas. Se não conhecemos os moldes e as razões imediatas desse favor, sabemos que D. Rodrigo não foi — nem podia ter sido por distância e meios — um mecenas como o foram um duque de Sessa — acudindo, ao seu secretário e alcoviteiro, com algum auxílio financeiro e socorro nas faltas de coche ou tapeçarias... —, ou um conde de Lemos que, se dava pouco dinheiro³⁴, podia prometer empregos...

Por outro lado, a questão de micro-história literária que acabamos de abordar deverá ter permitido pôr algumas interrogações que pensamos nunca terem merecido atenção quer por si mesmas quer no quadro do “intercâmbio cultural entre Portugal e Espanha”, para o dizer com o título da famosa conferência de Ricardo Jorge em 1921.

E na moldura desta sessão permita-se-me que recorde que em 2015 passará o centenário em que a Academia foi o generoso mecenas da edição de *A literatura espanhola em Portugal*, monumento bibliográfico, obra de *outro* sócio — Francisco de Sousa Viterbo — a quem dedico aqui a minha homenagem.

2. TEXTOS

1.

*Dejando a Marte,
mira la Fama de Minerva el arte,
con tu nombre, ilustrísimo Rodrigo,
primero archipastor de Lusitania,
real Acuña, cuyos rayos sigo,
dulce Mecenas de mi rude Urania,
sin Amadores, sin Osorios, fuera
tu ingenio sol y Portugal su esfera.*³⁵ (III, vv. 50-57)

³⁴ “Adiciones a la biografía de Lope de Vega” (Carta n.º 13 ao duque de Sessa) in Caetano A. de la Barrera, *Nueva biografía de Lope de Vega*, ed. cit., II.109.

³⁵ Vega, Lope de, *Laurel de Apolo* (Edizione, note, catalogo, indici di Christian Giaffreda. Introduzione di Maria Grazia Profeti), Firenze, Alinea Editrice, 2002), III, vv. 50-57.

2.

*Tú, Rodrigo ilustrísimo, tú solo
de mis musas Apolo,
primero archimandrita lusitano,
oye mis versos con semblante humano,
pues tantas veces a mi lira atento
humillaste tu claro entendimiento,
honrando de mi pluma la bajeza
la dignidad real de tu grandeza,
que a ti se debe por tan altas partes
este compendio de admirables artes.
Tú, honor de los Acuñaas, tú la gloria
de aquel blasón que, a la inmortal memoria
de letras y armas dio tantos laureles,
inspírame el espíritu que sueles;
tú siempre mi Mecenas
a rústicas avenas,
ahora al grave asunto,
en cuyo inmenso círculo de ciencia
será mi ingenio indivisible punto
si tú, que la mayor circunferencia
llenas de humanas letras y divinas,
admites impresiones peregrinas.
(La vega del Parnaso, Madrid, 1637, fol. 220r.220v).*

3.

*Y quando la sagrada Compañia
Fundava sus estudios, las lecciones
de tan altivos varones
canté con osadía,
y al gran Pastor las consagré de Acuña,
que el cayado mayor de Luso empuña.
(La vega del Parnaso, Madrid, 1637, 97v).*

4.

*Entre los cuales, si favor me diera
la décima divina moradora
de aquella fuente, que al nacer de la aurora
en sus ondas de plata reverbera,
don Vicente Noguera
tuviera asiento entre latinos graves,
laurel entre toscanos,
palma entre castellanos,
por la dulzura del hablar suave,
y entre franceses y alemanes fuera
florida primavera;
que como ella de tantas diferencias
de alegres flores se compone y viste,
así de varias lenguas y de ciencias,
en que la docta erudición consiste,
¿qué libro se escribió que no lo viese?
¿Qué ingenio floreció que no le honrase?
¿En qué lengua se habló que no supiese?
¿Qué ciencia se inventó que no alcanzase?
Oh Musas castellanas y latinas,
francesas, alemanas y toscanas,
coronad las riberas lusitanas
de lirios, arrayanes y boninas,
no quede en vuestras fuentes cristalinas
laurel que en ellas su hermosura mire,
donde Dafne amorosa no suspire
por no bajar a coronar la frente
deste de todos vencedor, Vicente. (Laurel de Apolo, III, vv. 166-193)*

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 26 DE FEVEREIRO DE 2015)